

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES

PROFESSOR DE ANTROPOLOGIA, FACULDADE DE
FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

OS ÍNDIOS DA SERRA DOS DOURADOS
(OS XETÁ)

SEPARATA DOS
ANAIS DA III REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
Pags. 27 - 46

Professora Ruth Cunha Leite Cardoso
oferece

Civil 18
VII
917

Rouven...

OS ÍNDIOS DA SERRA DOS DOURADOS

(OS XETA)

JOSÉ LOUREIRO FERNANDES

Professor de Antropologia, Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná

Nossa comunicação à Terceira Reunião Brasileira de Antropologia tem por principal objetivo dar conhecimento aos especialistas, nacionais e estrangeiros, nos diferentes ramos da ciência do homem, ora reunidos no Recife, não só dos resultados preliminares de nossas observações, mas particularmente de um documentário cine-fotográfico, que conseguimos realizar em grupo indígena recém-descoberto no Estado do Paraná, os índios da floresta tropical da Serra dos Dourados.

A nosso ver, um dos méritos dessa comunicação é podermos, graças à organização cine-fotográfica da Universidade do Paraná, trazer a exame dos presentes, em boa técnica kodak-chrome, cenas da vida extremamente primitiva desse grupo indígena cuja existência era ignorada. Além de ser documentário único no gênero, pois ao focalizar índios brasileiros em plena cultura lítica, conseguiu registrar um fâcies sobrevivente, do índio da era pré-cabralina (*).

Documenta o filme uma grande parte dos nossos estudos realizados sobre a cultura material dos índios Xetá, na Serra dos Dourados, durante os anos de 1955-1956 e 1957, no atual município de Cruzeiro do Oeste, no Estado do Paraná.

(*) O filme apresentado foi feito sob orientação do autor e realizado pelo cinetécnico da Universidade do Paraná, Sr. Wladimir Kozak. Do seu valor etnográfico diz a aprovação unânime que recebeu do plenário por sugestão do Prof. Darcy Ribeiro.

Como é contribuição documentada com um dos melhores recursos de que um antropólogo pode dispôr no estudo da cultura material de um grupo humano — o filme etnográfico — fica, na sua parte descritiva, restrita a esta sinopse sôbre os aspectos da cultura material xetá, registrados no referido filme. Sôbre o mérito científico dêste filme, espontâneamente se manifestou o Prof. Chestmir Loukotka, que recentemente teve oportunidade de o assistir em Curitiba, após haver participado do festival do filme etnográfico em Varsóvia. O referido Professor admitiu que, apresentado ao mencionado festival, teria superado, pela excepcional raridade do tema etnográfico e realização em tecnicolor, o documentário que obteve a melhor classificação naquele certame de caráter internacional.

Mas o grande mérito desta sinopse da cultura xetá é trazer um documentário objetivo sôbre um grupo indígena brasileiro, que se considerava extinto e sôbre o qual havia apenas raras informações do início do século atual, mas com cujo grupo nenhum etnólogo tivera contacto.

HISTÓRICO

Nosso contacto com o problema dos índios da Serra dos Dourados data de três anos, de outubro de 1955, quando assolados pela fome, em consequência da destruição, pelas fortes geadas ocorridas na região, das inflorescências das palmeiras (*Cocos romanzoffiana*) e de outras essências florestais, cujos frutos lhes servem de alimento, êsses índios em busca disso entraram em esporádicos contactos pacíficos com os primeiros postos avançados da civilização brasileira na região, os plantadores de café.

Notícias da presença de índios selvagens na região houve desde que, no ano de 1949, iniciou-se a penetração na área da Serra dos Dourados, tendo em mira sua divisão em glebas por uma organização, constituída por elementos de origem nipônica.

Falou-se, então, em índios vindos de Mato Grosso que, na região, periódicamente permaneciam para caçar. O Serviço de Proteção ao Índios notificado limitou-se a enviar à região, por três vêzes, funcionários da 7.^a Inspeção, os quais não tiveram contacto com os mesmos.

Em 1952, é apanhado um pequeno índio de cêrca de 10 anos de idade. O inspetor Snr. Deocleciano de Souza confronta o idioma do mesmo com a língua dos índios aldeados procedentes de estoques Guarani e Kaingangue e não consegue entendimento, fato êsse registrado em relatório enviado à direção central do S.P.I., no Rio de Janeiro.

Pouco depois, a 7.^a Inspeção recambia um outro jovem in-

dígena aprisionado na mata, quando colhia, na copa de uma árvore, frutos silvestres.

Esse rapazinho (KOI), criado pela família do Snr. Deocleciano de Souza, embora retraído, tem inteligência viva e tornou-se um intérprete valioso para as sucessivas expedições que o Instituto de Pesquisas da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná realizou na região da Serra dos Dourados.

Após esses fatos, não são mais encontrados índios na zona de penetração que importunem os desbravadores; continuam porém registros muito positivos sobre a sua permanência na região. Sucede, todavia que "índios selvagens" no Paraná é referência tão inverossímil, que a própria Direção da 7.^a Inspeção do S.P.I. não lhe dá maior crédito, porém, em 1955, após as referidas geadas, um grupo indígena interfere constantemente junto aos ranchos da fazenda Santa Rosa.

Socorridos pelo Administrador (*), retornam à mata, mas periodicamente voltam à referida fazenda. É quando o proprietário da mesma (**), depois de vários entendimentos com a 7.^a Inspeção, entra em contacto com a cátedra de Antropologia da Universidade do Paraná. Feito um entendimento com a 7.^a Inspeção do S. P. I., foi então organizada (***) a primeira expedição à região no decurso da qual deparamos com oito acampamentos, em alguns dos quais os indígenas haviam abandonado seu instrumental lítico e ósseo.

Pudemos assim comprovar que se tratava de um grupo mantendo-se em estágio de cultura primitiva, segregado naquela área da floresta tropical o qual devia viver em plena cultura lítica, pois em todos os acampamentos visitados e estudados, não nos foi dado encontrar qualquer elemento que revelasse contactos com os agrupamentos humanos da civilização brasileira existentes nas regiões circunvizinhas.

Deliberado foi, nessa região, pelo S. P. I. criar um posto de aproximação, do qual ficou encarregado o Sr. Antônio Lustosa de Freitas. No mês seguinte, duas famílias retornaram à fazenda Sta. Rosa, quando foi feito pela Direção da 7.^a Inspeção o primeiro contacto com esse grupo.

Em fevereiro de 1956, organiza a Secção de Antropologia do Instituto de Pesquisa da Universidade do Paraná outra expedição à

(*) O SNR. ANTÔNIO LUSTOSA DE FREITAS, ao qual consignamos, aqui, os nossos agradecimentos pela colaboração eficiente que sempre deu a todas as expedições que realizamos à Serra dos Dourados.

(**) Deputado ANTÔNIO LUSTOSA DE OLIVEIRA.

(***) A SÉTIMA INSPEÇÃO, em 1955, achava-se sob a direção do Snr. Dival de Souza, o qual, pessoalmente, participou da organização e integrou a expedição.

Serra dos Dourados, onde na selva consegue realizar dois contactos com grupos indígenas dos quais os civilizados nunca haviam podido aproximar-se e realiza uma parte do precioso documentário aqui apresentado.

Durante quatro expedições sucessivas, feitas de 1956 a janeiro de 1958, mantivemos contactos de alguns dias com êsses índios, no decurso dos quais conseguimos reunir os elementos para o presente estudo.

Só após a terceira expedição de 1956, tivemos a segurança de que o grupo com o qual havíamos entrado em contacto, era o remanescente dos Xetá, não obstante a discordância das nossas observações em relação aos elementos considerados Xetá pelo naturalista checo Alberto Fritch que, em viagem de interesse predominantemente botânico, esteve no Ivaí em 1906.

Da última expedição em janeiro do corrente ano — embora ainda convalescente de grave enfermidade — participou o Prof. Chestmir Loukotka. Com o ilustre lingüista checo, já havíamos entrado em contacto por correspondência em maio de 1957, numa das tentativas iniciais para elucidação do caso dos Xetá, face à discordância entre os dados por nós colhidos e os elementos a êle fornecidos por Alberto Fritch, colhidos no baixo Rio Ivaí, e que se afirmava de procedência de índios habitando naquela época no interior das florestas dominando na sua margem esquerda, indígenas conhecidos por Xetá ou Aré.

De retôrno dessa viagem, declarou pela imprensa curitibana:

“Meu interesse em fazer parte desta expedição à região habitada pelos Xetá não se prendeu unicamente aos meus estudos rotineiros, tinha um significado especial, o de comprovar a exatidão dos apontamentos realizados na Serra de Dourados pelo meu predecessor, e etnólogo, também checo, Prof. Fritch e nos quais me baseei para a publicação de um trabalho lingüístico.”

“Fritch, porém, equivocou-se; os índios que conheceu não eram da tribo dos Xetá, pois, segundo seus próprios apontamentos, plantavam a mandioca, o milho e o fumo.”

“Agora tive oportunidade de constatar que os Xetá são completamente selvagens, nada conhecem de agricultura, por mais rudimentar que seja, vivendo quase que exclusivamente de caça e da pesca” (*).

Realmente, as pesquisas realizadas pela Cátedra de Antropologia da Universidade do Paraná revelaram que os índios Xetá da Serra dos Dourados pertencem a êsses pequenos grupos étnicos que, por circunstâncias muito especiais, conseguiram evitar o contacto direto com outros índios ou com civilizados e assim puderam

(*) Diário do Paraná, nº 859, Curitiba domingo 2 de fevereiro de 1958.

perpetuar, nos recessos florestais da América do Sul, as etapas muito primitivas da sua cultura, as quais estão inteiramente em desacôrdo com vários informes etnográficos registrados por Fritch, o que equivale dizer que os índios prisioneiros dos Kaingangues, através dos quais recebeu informações e colheu o vocabulário, não eram Xetá.

A floresta da Serra dos Dourados, no noroeste do Estado do Paraná, na verdade representou, até o início da segunda metade no nosso século, um desses recessos no qual mercê das condições locais, pôde sobreviver êsse precioso grupo étnico.

A região da chamada Serra dos Dourados, situada ao Sul do Rio Ivaí, dista cêrca de trinta quilômetros do rio Paraná.

O relêvo orográfico da região mereceu, dos primeiros estudiosos que dêle tomaram conhecimento, uma denominação geográficamente falsa, que os cartógrafos adotaram e continua a ser perpetuada nos mapas do Estado do Paraná.

Não há, na realidade, nessa zona uma formação de Serra, mas sim notável acentuação do relêvo dos divisores de águas que dobram o solo da margem esquerda do Rio Ivaí. A alternância de tais vales fluviais e dos seus altos divisores criou, nesse ponto por certo dificuldades a quem tentou demandar o vale do Paraná na primeira metade do século. O acesso a êsse vale só se tornou realmente praticável pelo curso inferior do Ivaí ou por uma picada, traçada no sentido SE-NO, passando ao sul dessa serra e atingindo o rio Paraná no conhecido Porto Camargo.

Por estas duas vias de comunicação se fêz o deslocamento dos raros elementos humanos que buscavam o extremo noroeste paranaense, região cuja história de ocupação pela raça branca só se iniciou em maiores proporções nos primeiros anos desta segunda metade do século XX.

Semi-nômades os Xetá erram pelas matas consagradas particularmente à obtenção dos produtos florestais necessários à sua vida, pois constituem um grupo étnico coletor e caçador e é extremamente difícil encontrá-los.

Do grupo tomamos contacto, apenas, com sessenta indivíduos, mas, segundo informe de pessoas idôneas que na região habitam, o total deve atingir de duzentos a duzentos e cinqüenta indivíduos. Pode-se afirmar, nesta base numérica que, no máximo apenas 10% da população xetá freqüenta o Pôsto do S. P. I. o restante continua a ser uma população de vida nômade florestal, utilizando o seu primitivo equipamento feito de madeira, de pedra e de osso.

Os que freqüentam, os quais são raros, já estão hoje de posse de machados de ferro, facões; cortam os cabelos e começam a usar roupas, esta indumentária apenas durante a permanência nas vizinhanças do Pôsto e presença dos civilizados.

Em fins do ano passado, a Sétima Inspetoria do S.P.I. construiu, na selva, próximo a um córrego, os primeiros ranchos, distantes cerca de quilômetro e meio do posto de atração em Santa Rosa, pessoalmente, continuamos a crer que a verdadeira solução para o caso dos Xetá seria a criação da reserva florestal da Serra dos Dourados.

OBTENÇÃO E PREPARO DOS ALIMENTOS

Os Xetá obtêm todos seus recursos alimentares da floresta, no seio da qual habitam, por meio da coleta de produtos vegetais, larvas e mel, ou então pela caça de répteis, aves e mamíferos.

Os meios de subsistência de origem vegetal são obtidos sempre pela colheita direta na floresta tropical da Serra dos Dourados e consistem em variados frutos, raros tubérculos e raízes e a medula da palmeira macaúba (*Acrocomia sclerocarpa*).

Colhem também pequenos animais, larvas de besouros, de abelhas e seus favos de mel. Os animais são caçados com armas primitivas ou por meio de engenhosas armadilhas.

Pescam nos rios com flechas e linhas sem anzóis, amarrando a isca à linha.

Os frutos das palmáceas, particularmente das palmáceas dos generos "Cocos" e "Acrocomia", representam a base alimentar dos Xetá, sobretudo os primeiros, pois a "Cocos Romanzoffiana" é palmeira abundante na região e frutifica a maioria dos meses do ano, mesmo de maio a agosto, meses nos quais a floresta de Dourados é mais pobre em frutos.

A frutificação variável das demais essências florestais, constitui possibilidade periódica de variação do regime frugívoro; são os frutos da primavera e do verão, árvores que frutificam sobretudo de setembro a fevereiro.

As mulheres é que se dedicam especialmente às atividades de colheita dos elementos vegetais. Embora os rapazes e, por vêzes, os homens adultos tragam frutos para os acampamentos, não é essa a sua ocupação; na predominante atividade do grupo que é a busca dos alimentos.

A procura do mel, a recolha de favos com as pequenas larvas de abelha, a retirada das larvas maiores de coleópteros do interior dos troncos apodrecidos são atividades que melhor caracterizam as funções recoletoras que aos homens compete exercer. A preocupação absorvente dos homens adultos é a caça, feita com arma, isto é, com arco e flecha ou, então, armadilhas aprisionadoras ou mortíferas.

Há um animal que não é vulnerável às suas flechas — a anta. Para caçá-la usam armadilha de forte laço de cipó; uma vez aprí-

sionada, a anta é morta com violentas pancadas vibradas com suas clavias-bastões, na cabeça do animal.

Os alimentos de origem vegetal, na sua maioria frutos, são ingeridos crus ou então sofrem um ligeiro preparo mecânico tendo em mira favorecer a sua ingestão e absorção. Para êsse preparo utilizam-se de pilões de madeira e dos próprios seixos que encontram no leito dos rios.

Vimos, no entanto, certos alimentos vegetais, como os frutos ainda não bem maduros, da palmeira macaúba, serem assados ao braseiro, bem como os frutos da banana de macaco (*Phylodendron*).

Os alimentos de origem animal são sempre ingeridos após serem previamente assados ao fogo, desde as larvas de coleópteros até os vertebrados. Vimos comerem larvas cruas, mas de abelhas. Os vertebrados entram com grande contingente para prover a sua alimentação cárnea, desde os ofídios e outros répteis até as aves e os mamíferos cujas espécies existiam outrora em abundância na região. Depois de constituído o braseiro, costumam dividi-lo, ao meio, e submeter, quando se trata de pequeno animal, todo o seu corpo à ação das duas porções laterais do braseiro. Quando o animal é de maior porte, é esquartejado e assado por partes, por vêzes suspensas sôbre a fogueira, atadas por lianas prêsas a varas fixadas no solo. Não conhecem processo especial da cozedura, pois não dispõem de recipientes que possam ir ao fogo e nunca pudemos anotar o aquecimento de pedras para processos específicos de cozedura.

A conservação do fogo é, por isso, uma preocupação constante do grupo. Quando se deslocam, transportam sempre consigo um tição aceso, a fim de reacenderem a fogueira necessária para o preparo dos alimentos, pois a obtenção do fogo exige, da parte dos homens, o emprêgo do aparelho ignígeno, por movimento giratório simples, no qual a peça vertical de madeira gira entre as palmas da mão. Processo laborioso e que freqüentemente exige, por alguns minutos, o esforço conjunto de dois homens.

A sede não constitui problema, pois, na região da Serra dos Dourados, onde os Xetá habitam, densas ainda são as matas, no interior das quais há magníficos regatos cujas águas correm em leitos arenosos.

Mas a sua bebida diária por excelência é a erva-mate, consumida em maceração em água fria. Do que nos foi dado observar, o mate empregado é o de folhas largas, isto é a "*Ilex paraguayensis*, variedade "latifolia". Devem, no entanto, previamente suas folhas serem submetidas a um processo de tratamento; cortam, inicialmente, galhos finos das árvores de mate que são em seguida submetidos à ação do fogo, a fim de só sapecar a folhagem por uma verdadeira operação de flambagem. Realizada esta operação ini-

cial, prossegue-se a secagem por meios mais suaves, amarrando os galhos de mate em pequenos feixes e pendurado-os em varas ligeiramente inclinadas sôbre as fogueiras dos acampamentos, nas quais costumam também preparar os alimentos, secam assim lentamente as fôlhas, as quais, quando convenientemente crestadas, devem ser socadas no pilão.

Para submeterem à ação da mão do pilão, são as fôlhas destacadas manualmente dos pequenos galhos e colocadas na cavidade de um pilão horizontal de madeira, onde acabam reduzidas a um pó muito fino de linda côr verde.

Essa matéria pulverulenta permite, por uma simples dissolução e rápida maceração em água fria, o preparo de uma bebida agradável (CUCUAI) tendo em suspensão diminutas particulas de fôlha de illex (*).

Essa bebida é um alimento de poupança que é ingerido várias vêzes por dia, nas longas caminhadas pela mata, quando se detêm à beira dos riachos para descanso e saciar a sede.

O CUCUAI é a bebida habitual que consomem durante o ano todo, mas há uma outra bebida que preparam, de quando em vez, recorrendo aos frutos da palmeira da "*Cocos romazoffiana*" e que deve entrar na categoria das bebidas fermentadas. Tivemos oportunidade de ver, na primeira expedição, o recipiente de madeira, no qual preparam essa bebida.

Excepcionalmente fazem uma outra bebida fermentando a polpa dos frutos da jaboticaba que são descascadas pelas mulheres e manipulados no interior do cocho a fim de eliminar os caroços.

ACAMPAMENTOS

Na floresta da Serra dos Dourados encontram-se, de quando em quando, pequenas clareiras abertas artificialmente no seio da mata e nas quais se deparam pequenas cabanas recobertas de fôlhas de palmeira. Essas clareiras contêm em geral de três a cinco habitações; constituem verdadeiros pontos de apoio e de repouso no decurso das atividades de coleta e caça dos Xetá. Pois a atividade predominante do grupo, a busca dos alimentos, exige um constante deslocamento no interior da floresta, de sorte que só periódicamente ocupam essa área que funciona como verdadeiro acampamento de caça, aliás os denominam de ÔKAKÂN, ao passo que as áreas mais amplas, onde há permanência mais estável do grupo, são denominadas de ÔKA, embora a técnica de construção das habitações se mantenha no seu aspecto rudimentar.

Essas pequenas cabanas circulares (TAPUY) têm sua cober-

(*) Diário do Paraná, nº 859, Curitiba, domingo 2 de fevereiro de 1958.

tura arredondada em cúpula, e são constituídas de um arcabouço feito de galhos, preferencialmente terminados em forquilhas, os quais, pelas suas extremidades inferiores, são sólidamente enterrados no solo, dispostos circularmente.

São as partes superiores, ramificadas em forquilhas recurvadas e atadas com lianas constituindo assim o arcabouço cupuliforme sobre o qual serão colocadas as folhas de palmeira que vão constituir o revestimento protetor da cabana.

Nesses acampamentos, permanecem na época de grandes chuvas, pois representam abrigo mais seguro contra a intempérie do que os abrigos rapidamente improvisados, quando são surpreendidos na floresta por tempestade imediata.

Carreiros, trilhas de índios ligam esses acampamentos entre si. Estes sítios, em geral, distam uns dos outros cerca de cinco quilômetros. Verifica-se que procuram sempre construir essas cabanas em local que esteja próximo de um rio ou córrego, onde possam facilmente abastecer-se de água e ir tomar banho.

Nesses acampamentos encontram-se pilões feitos de troncos de palmeira, uns verticais, fixos ao solo pela base, outros móveis horizontais; são particularmente usados para os processos mecânicos de preparo dos alimentos.

VESTUÁRIO E ADORNO

Na indumentária dos Xetá, arrolamos uma única peça, a pequena tanga masculina de tecido muito resistente, feito com fibras de uma bromeliácea abundante na região; não há tangas femininas, as mulheres andam inteiramente desnudas.

Todos usam cabelos compridos até à altura dos ombros, sobre a testa cortam-se em franja, pouco acima dos olhos, com fragmentos de criciuma seccionados em bisel.

Adorno constante em todos os elementos do grupo são os colares; as crianças pequenas usam longos colares, cujas contas são constituídas pelos pequenos frutos negros de uma trepadeira silvestre (*Serjania orbicularis*) os quais são enrolados em várias voltas ao redor do pescoço. Quando maiores, bem como os adultos, homens e mulheres, usam outro tipo de colar, constituído por uma delicada vareta de madeira, artisticamente envolvida por um fio fino sobre a qual são presos, a intervalos regulares, os alvos dentes de coatis. Essa vareta fica pendente do pescoço por um fio resistente e que tem parcialmente enfiados alguns dos pequenos frutos negros acima mencionados.

Os homens usam um adorno labial, fixo através de uma perfuração do lábio inferior; adorno labial constituído de duas peças alongadas que, quando montadas, têm a forma de um T. O ramo

horizontal, constituído por uma peça cilíndrica de madeira, mede cêrca de oito centímetros. Traz na parte média um encaixe no qual se vai fixar o ramo vertical que tem aspecto fusiforme e é feito com a resina translúcida do jatobá.

A peça de madeira é disposta no fundo de saco gengival anterior e sôbre ela vem-se fixar, perpendicularmente, o pequeno fuso de resina, após ser transpassada pela perfuração do lábio inferior.

O uso dêste adôrno deforma-lhes a fenda bucal, distendendo-a no sentido transversal.

Sôbre a pintura do corpo nenhuma informação segura possuímos, pois nunca assistimos às reuniões festivas para as quais, sabemos, colam penas no corpo e nos cabelos.

Nos encontros da floresta, uma única vez vimos uma criança com grandes pontos negros pintados sôbre a fronte.

Os Xetá utilizam as penas das aves para adornos e para plumagem de suas flechas. Neste último caso utilizam as penas remíguas e caudais de aves de maior porte, como o urubu-rei.

Dão preferência, para os adornos, às delicadas penas de colorido vivo como as penas vermelhas das araras (*Ara chloroptera*).

Ora retiram essas penas e as unem entre si com pelotas de cêra em pequenos tufos, como conseguimos ver no interior de um dos seus estojos de espata de palmeira, pelotas que são, em seguida, colados nos cabelos ou na superfície do corpo, ora esfolam determinadas regiões do corpo do animal, retirando retalhos do derma da ave, nos quais se conservam prêsas as penas. Secos ao sol, êsses retalhos são recortados em tamanhos convenientes e, por meio de fios apensos, como no caso dos brincos, ao próprio corpo.

Encontramos essas penas guardadas no interior dos estojos de espata de palmeira, de permeio com tôdas as outras pequenas utilidades que nêles transportam.

TRANSPORTE

Quando se deslocam pela mata, os homens caminham na frente seguidos pelas mulheres e crianças. O homem marcha na vanguarda da fila, habitualmente só carrega seu arco e flechas, raramente ajuda a transportar uma criança.

À mulher compete o ônus do transporte da tralha doméstica, a qual, como ocorre em todos os povos de vida nômade, é extremamente reduzida.

Mas mesmo um equipamento pobre, restricto ao essencial às atividades da vida étnica, é uma carga ponderável, pois não devemos esquecer que, além dêsse material transportado nas mãos



Primeiro contato (1956)



Primeiro contato (1956)



Pilando herova-mate



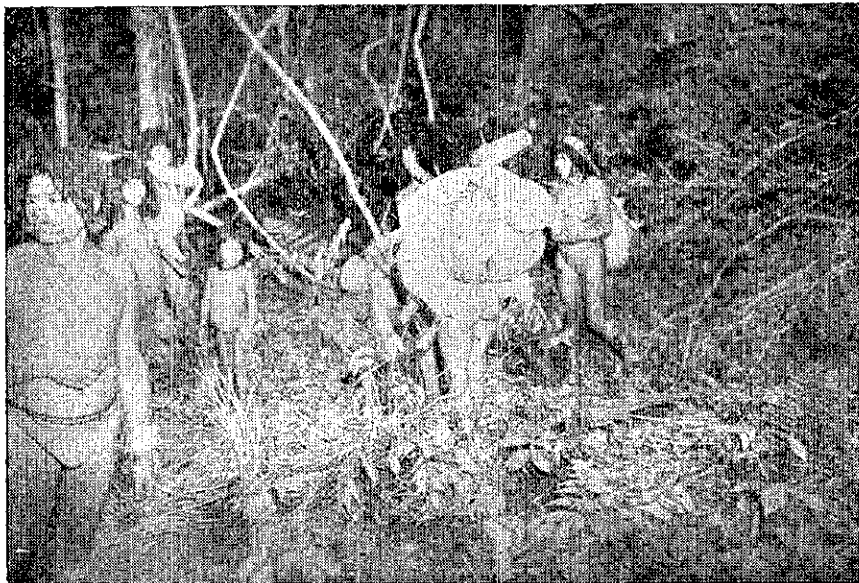
Cucuai



Sapecando a herva-mate



Amolando o machado



Partida do acampamento



Destalando bromeliaceas



Tomando mate

e na cesta, suspensa ao dorso pela faixa frontal "PINAKO", compete às mulheres o transporte das crianças pequenas, sobre os quadris, por meios de faixas de trançado que usam a tiracolo. Vimos, também, como é mencionado para outros índios, as crianças transportarem, sobre o braço ou ombros e mesmo no cimo da cabeça, aves ou coatis amansados.

TRANÇADOS

As folhas das palmáceas que proliferam na floresta e às canas dos caules das bambuzáceas que são extremamente abundantes nas terras baixas, às margens dos rios, recorrem, particularmente, os Xetá para obterem a matéria prima para os seus trançados, os quais tipologicamente se resumem a uma meia dúzia de peças. No que se refere à cestaria, registramos um cesto de contorno arredondado com secção transversal elipsóide, com tampo, tudo em trançado de folha de palmeira. Esse cesto é transportado, por meio de uma faixa frontal, sobre o dorso, pelas mulheres. Tem em média 50 cms de comprimento por 40 cms no maior diâmetro transversal.

Com trançado de folhas de palmeira, fazem, também, estojos, de tamanho variável, elipsóides, constituídos por duas metades iguais de acentuada concavidade, metades essas que, por um dos segmentos de sua borda, se acham ligadas uma a outra por uma espécie de carneira feita de casca de cipó. (Tem de comprimento até 66 cms).

Em trançado plano de folhas de palmeira fazem, também, as mulheres, uma faixa para transporte de criança que costumam usar a tiracolo, quando se deslocam com seus filhos. Tem de comprimento total cerca de 60 cms.

Além das peças anteriores, também trançam, pela técnica de camadas superpostas em diagonal, com folhas de palmeiras, pequenas esteiras sobre as quais dormem. Essas esteiras têm 30 cms de comprimento e 24cms de largura, são pequenas para favorecer seu transporte, e devem ser usadas em par, uma para apoiar a cabeça e a cintura escapular e a outra para apóio da cintura pélvica, evitando assim o contacto permanente e direto da superfície do corpo com o solo durante o repouso noturno.

Os homens detalam pequenos segmentos de taquara e com essas talas entrecruzadas alternadamente fazem pequenas peneiras que são arrematadas na sua borda ou orla superior pelos sistemas dos dois arcos concêntricos, entre os quais ficam protegidas as extremidades das talas de taquara.

RECIPIENTES

Além dos recipientes feitos de trançados, como sejam as cestas

grandes para transportes, os estojos ou bôlças onde guardam uma infinidade de pequenos objetos, recorrem ainda os Xetá a um recipiente natural que encontram na floresta, a espata que protege a inflorescência das palmeiras.

Utilizam a concavidade desta espata, que abrigou originariamente a inflorescência, para nela acomodar uma série de pequenas peças, umas naturais, outras produtos de suas manufaturas, quase tôdas úteis no desempenho das atividades de sua vida étnica.

As bordas dessas espatas, quando transformadas em estojos, são aproximadas entre si por meio de um cordel de fibra de broméiácea que, prêso a uma das extremidades, é a seguir enrolado, de modo particular, por todo seu contôrno, para ser amarrado na extremidade oposta.

VASILHAME

Como não conhecem a técnica da cerâmica nem de impermeabilização dos cestos, são pobres em recipientes para líquidos, e não praticam a cozedura de alimentos.

O vasilhame é constituído principalmente pelo pericarpo dos frutos da cuicira (*Crescentia cujete*) (*) que colhem quando maduros e submetem a especial tratamento, tendo em mira sua conservação. Assim tratados e seccionados convenientemente, os grandes frutos proporcionam, a êsses índios nômades, um vasilhame leve e durável.

Por vêzes fazem uma pequena perfuração na sua parede, logo abaixo da borda livre, onde introduzem um fio amarrado em alça que favorece o transporte manual das cuias. Vimos, também, destacarem determinados sectores do córtex das árvores e utilizá-los sob a forma de pequenas taças, para favorecer a ingestão de líquidos.

INSTRUMENTAL

Seu instrumental é rudimentar e constituído de implementos feitos de pedra, ossos e dentes, que dinamicamente agem como lâminas cortantes, como gumes raspadores ou alisadores, como pontas perfurantes ou então biséis que ora entalham, ora desbastam os lenhos sôbre os quais agem.

O material lítico é preparado de seixos retirados do leito de alguns cursos d'água existentes na região; dêsses seixos conseguem obter, por vários modos, lascas de alto valor cortante e dêles também

(*) Manipulam o mate dentro das grandes cuias que as mulheres transportam na mão, ou então recolhem na mata espatas da inflorescência das palmeiras e, na concavidade das mesmas, recolhem nos regatos água, para o seu preparo.

se utilizam, afeiçãoando-os pelo polimento aos primitivos machados neolíticos, os quais posteriormente são encabados pelo simples processo de encaixe.

Pela fricção periódica sôbre outro seixo, das extremidades de ambas as faces do machado, opostas ao talão, conseguem manter o fio ou gume dêsse machado lítico.

Mas, quando procedem o aguçamento dessas peças líticas, tomam a precaução de revestir a pedra sôbre a qual atritam de uma camada de areia muito fina e úmida a qual funciona como esmeril.

Usam seixos selecionando aquêles cujas formas naturais consideram mais vantajosas. Vimos a utilização dêsses seixos sobretudo como implementos de percussão.

Constantemente nos acampamentos e aldeias, encontramos tais seixos a serem utilizados particularmente em manobras mecânicas para o preparo dos alimentos.

Os ossos dos animais caçados pelos Xetá entram com um contingente ponderável no seu equipamento. Os ossos longos de animais de grande porte como a anta (*Tapirus terrestris*) são empregados para fazer fortes cinzéis, com os quais trabalham em madeira. Os ossos longos de pequenos mamíferos aguçados têm uso sobretudo como perfuradores, separadores de fios e outras atividades.

Alguns ossos, costelas, vértebras, omoplatas, nas suas formas naturais, sem qualquer retoque ou aperfeiçoamento, tem seu emprêgo nas manufaturas dêsses índios, razão pela qual, após o esquarteramento do animal, são tratados e conservados em seus estojos.

ARMAS

A sua principal arma é o arco com o qual lançam as flechas. O arco é o arco simples comum, de secção circular, tendo de comprimento 2 metros; a vara dêste arco é feita da madeira resistente e artificialmente tinta e brunida.

Sua corda é feita das fibras da bromeliácea já referida. As flechas têm habitualmente uma ponta de madeira rija, com barbelas unilaterais; o número dessas barbelas é muito variável; encontramos algumas com apenas meia dúzia dessas pontas e outras com quinze barbelas.

A emplumação é feita pelo sistema de cavalete. A extremidade das penas é regularizada por queima e prêsas por um envoltório de fibra de caraguatá à haste da flecha. Essas flechas têm em média um metro de comprimento. Outra arma utilizada é a clava-bastão (borduna); é um bastão cilíndrico, de madeira rija, de diâmetro ligeiramente aumentado numa de suas extremidades.

Esta peça que mede 108 cms de comprimento é cuidadosamente alisada e, posteriormente, tingida e brunida como a vara dos arcos.

É com esta clava-bastão que matam as antas aprisionadas nas armadilhas de laço e também cometem homicídios, quando graves ocorrências sucedem entre os homens do grupo.

FIAÇÃO E TECELAGEM

Entre as atividades manufatureiras das mulheres figura, também, a fiação, isto é, o preparo de fios de diferentes calibres e coxamento dos mesmos para a confecção de espessos cordões. A matéria prima é retirada das fibras de bromeliáceas de longas folhas atingindo por vezes dois metros de comprimento. Para o preparo desses fios detalam as folhas, e a parte fibrosa é mergulhada no remanso de um rio onde permanece cerca de uma semana para libertação das fibras dos outros constituintes da folha.

Os filamentos são depois enrolados na superfície da coxa, pois esses índios não conhecem o fuso.

Como dizemos, a propósito do vestuário, a tecelagem é praticada pelos homens que preparam suas tangas trabalhando, ao que parece, em teares de quadro incompleto, muito rudimentares, técnica ainda por nós não documentada.

ARTE E LÚDICA

Como manifestação artística merece uma referência inicial a habilidade que têm de reproduzir, com notável realismo, formas de animais modelando-os na cera escura que retiram das colméias das abelhas silvestres da região.

Vimos a cabeça de um batráquio altamente impressionante pelo seu naturalismo. Tivemos uma prova muito significativa dessa capacidade artística quando, numa das expedições, uma noite, procuramos penetrar no mundo sobrenatural dos Xetá e descobrimos aí existir um ser que temem muito pelo poder maléfico e que conhecem pela denominação de MOEUL.

No dia seguinte o índio HAILATOKAN nos trazia, materializado em cera, o estranho ser antropomorfo do seu mundo mítico. Esta modelagem, que será objeto de um estudo mais pormenorizado, pertence às coleções da cátedra de Antropologia da Universidade do Paraná.

Os Xetá usam segmentos finos de taquara de diferentes comprimentos, para improvisar um aerofone do gênero flauta, que na realidade é uma primitivíssima flauta de Pan. Pois os tubos acústicos em vez de se encontrarem permanente associados por liames que os prendem entre si, são reunidos eventualmente e mantendo-os o tocador fixos entre a palma da mão espalmada e

o polegar sobre ela dobrado como outro ramo da pinça manual.

As crianças brincam com pequenos ossos de animais, caroços arredondados de frutos e outros diminutos elementos naturais que encontram na mata. Costumam, também, a se balançarem seguras às fortes lianas que pendem das árvores.

Desde a infância, os meninos manejam arcos e flechas diminutos em exercícios diários de pontaria. Constroem, também, pequenas cabanas e armadilhas à semelhança do que fazem os seus pais.

LINGUA XETÁ

Não nos ocupando, especificamente, de problemas lingüísticos, resolvemos organizar um vocabulário baseado na seqüência do vocabulário de A. V. Fritch, publicado e analisado por Loukotka em 1929 (*), quando dos nossos trabalhos para a identificação do grupo indígena da Serra dos Dourados.

Verificamos, então, face às numerosas divergências existentes entre dois vocabulários, que a língua falada pelos Xetá da Serra dos Dourados, não é "um dialeto tupi quase puro", como foi possível concluir do vocabulário de Fritch.

Para um novo estudo comparativo, foi o vocabulário que colhemos gravado numa fita de magnetofone, remetido ao Prof. Loukotka em Praga, no primeiro semestre de 1957. Tendo vindo ao Brasil em novembro do mesmo ano, o Prof. Loukotka participou, como já dissemos, da expedição aos Xetá, em janeiro de 1958, onde conseguiu coletar material para um novo estudo lingüístico.

Quando da leitura do nosso trabalho sobre a expedição a Dourados (**), já havíamos assinalado que o exame preliminar do pequeno vocabulário, organizado com o auxílio do nosso intérprete, procedido pelo Prof. Rosário Farâni Mansur Guérios, da Secção de Lingüística do Instituto de Pesquisas da Universidade do Paraná, havia, ao contrário, revelado a presença de numerosos termos estranhos ao Tupi-guarani e estava a aconselhar estudos mais amplos.

Esta preliminar análise lingüística logo esclareceu que não se tratava de um dialeto tupi-guarani, mas, sim, de um idioma estranho que parece ter dêle sofrido várias influências.

Submetido à apreciação do Prof. Herbert Baldus, para confronto com o seu vocabulário Gualaki, que se achava inédito, o ilustre

(*) — CHESTMIR LOUKOTKA — Le Shetá, un nouveau dialecte Tupi — Journal de la Société des Américanistes de Paris. Nouvelle Serie Tome XXI pág. 373.

(**) — Aspectos antropológicos da Serra dos Dourados. Resumo publicado na GAZETA DO POVO, de 19 de novembro de 1955.

etnólogo registrou, também, a extrema diferença lingüística entre os Xetá e os Guaiaki.

O vocabulário aqui divulgado (*) é o organizado por nós, em Dourados, com a colaboração do engenheiro checo Dr. Wladimir Kozak, revisto pelo prof. Chestmir Loukotka e posteriormente analisado com o Prof. Rosário Mansur Guérios.

VOCABULÁRIO COLHIDO ENTRE OS INDIOS DA "SERRA DOS DOURADOS" (**)

PARTES DO CORPO	
	pé em geral — prohá
	coxa — fiôr
língua — inko	pantorrilha — etâma-la
bôca — dióri	joelho — enápua
dente — nénai	perna — etâma
nariz — sapôta	unha do pé — posiápe
ôlho — imahâ	casco de animal — posiábe
orelha — ñambi	costela — ñalóka
cabeça (parte superior) — ti-	peito — pasiá
	xapotê
cabeça (total) — ñakankaue	mamelão do homem — ikâta
cabelo — ñâka	seio — kamoá
barba — tirá	mamelão feminino — ikâta
mão — êpo	pele — êti
cotovelo — ama	osso — inkâ
polegar — tikaáudio	sangue — hôga
dedo mínimo — inkanawakan	veia (vaso sangüíneo) — hâdia
unha — puápe	carne — haiká
	coração — henia

(*) — O alfabeto que serviu para a impressão das palavras Xetá é o alfabeto português ao qual foram acrescentados alguns sinais diacríticos conforme orientação do Prof. Loukotka, dando as vogais e consoantes e as suas associações estes valores sônicos:

ã — quantidade	ñ — como em espanhol
â — acentuação	x — como em português (= ch)
tx — como em espanhol ch	ti — " " "
di — como em tcheco d'	j — " " "
h — aspirado como para indicar vogal nasal em alemão	u — após vogal

(**) — Os vocábulos seguem tanto quanto possível a mesma seqüência do vocabulário de Fritch.

NATUREZA

água — hõñe
 rio — ?
 regato — ?
 fogo — haikela
 funaça — tatâde
 cinza — tataupa
 carvão de madeira — tátâbui
 céu — tataka
 cerração, nevoeiro — hawãndie
 chuva — atêg
 orvalho — achabue (n)
 vento — awôto
 relâmpago — auêra
 arco iris — nitiô
 sol — enexãve
 aurora — kádo
 dia — alãdia
 noite — poá
 manhã — memóe
 aurora — kádo
 tarde — kerakadso
 lua — nhanetavetoea
 estrela — iatêda
 Plêiades — hetai
 terra, solo — ewúa
 caminho (trilha de índio) — péka
 selva, floresta — ñyata
 areia — takarói
 pedra — itá

UTENSÍLIOS E ARMAS

casa — tâpui
 cesta — pinako, eváitá
 lenha — niapiá
 aparelho ignígeno — tatail
 lasca de madeira (cavaco) — há-
 gue
 abanador, esteira — tapégua
 machado — nepraka
 arco — guarâba
 corda de arco — napádia
 flecha — vûá
 emplumação da flecha — upéba
 flechas com ponta de madeira
 barbelada — alauête

flecha para pássaro — narâpia
 clava — auêrapingebo
 punção (pequeno osso aguçado)
 — haikiinka
 tanga — hamiakâ
 flauta de pan — tâgua
 cabaça (fruto) — kôgua
 cabaça recipiente — amawá
 canto — aprai

FAMÍLIA

nome (grupo de índios de Dou-
 rados) — Xetá
 botocudo (homem com ornato la-
 bial) — heméta
 varão (homem) — kanome
 marido — teiradwa
 pai — mai
 mãe — hai
 criança — nieue kauai
 filho — timêmo
 menino — txigoi, xigoi
 irmão — mendjâgoi
 irmã — nadsiaгуê
 mulher — ñanekoinha, kôña
 espôsa — simirâda
 filha (menina) — tiguá
 filha (jovem moça) — timémo
 velho — diãlei, diarei
 velha — dihãrei
 amigo — diakâda
 inimigo — nhadiakâte
 fantasma — môuel
 alma — nhang
 sonho — ákãña

ANIMAIS

macaco — krâkoi
 bugio — huimá
 onça pintada — halköpintai
 puma — punahai
 veado — hehehai
 lontra — hame-ai

anta — telâgoihai	vespa — kawá
capivara — haikéhüra	piolho — kö
paca — hum-hai	aranha — ñádu
porco do mato — huhai	
queixada — haikenhuai	PLANTAS
coati — haikancai	
tamanduá bandeira — moko hehai	árvore — áuéra
tamanduá mirim — moko-atai	rólha — há
camondongo — hararau	casca de árvore — ipegwa
ratazana — hararau	raiz — hápó
lebre — têká	espinho — hâté
tatu — hekeldiáve	resina — huawaaí
pássaro pequeno — gurokihänge	flor — debótérame
ovo — piroro	taquara (bambu) — tákua
jacu — kukai	cana, caniço (criciuma) — kalle-
jacutinga — pinpiaí	komhuá
urubu corvo-preto — fofoi	
urubu (corvo) branco — peke-	OUTROS VOCÁBULOS
hararau	
urubu (corvo) de cabeça verme-	grande — halêdja, hauidja
lha — niampine	pequeno — teai
pombo grande — hãhãhai	alto — niauai
pombo pequeno — hehai	velho — inama
peixe — radja	frio — ñrandja
cobra — moi	quente — hâko
cobra cascavél — diagoí	molhado — awaba
sapo — ndoi	doente — hâde
lagarto — molhiruai	branco — katahai
formiga — arará	preto — hüntai
mosquito — malêgue	vermelho — putádai
mosca — mêro	azul — awete
abelha — éi	verde — awete
mel — ikänge	não — ñiá
gafanhoto — toko	

OS INDIOS DA SERRA DOS DOURADOS SÃO NA VERDADE OS XETÁ

As declarações do Prof. Chestmir Loukotka, ao retornar de Dourados, em fevereiro de 1958, sobre os Xetá, à reportagem do "Diário do Paraná" foram, para nossos estudos, muito significativas, uma vez que espontaneamente declarou que Fritch, se equivocou, pois os índios que conheceu não eram Xetá, e foi sobre os apontamentos deste cientista que Loukotka se baseou para publicação do trabalho lingüístico já citado.

Não só, desde o início, havíamos acentuado as diferenças no domínio da cultura material dos Xetá, com os Guaraní e Kaingangue, mas também reconhecido ser um grupo étnico da floresta tropical cujo estudo seria do maior interesse para a etnologia sul-americana.

Realmente, os índios com os quais Fritch conseguiu elementos, tanto sob o ponto de vista etnográfico como lingüístico, tinham sido capturados pelos Kaingangue que viviam nas margens do Ivaí em 1906, sob a chefia do cacique Arakxó. Sendo naquela época os Xetá um grupo ainda completamente desconhecido, é fora de dúvida, face à análise do texto e do documentário fotográfico do livro de A. Fritch (*), que os três índios capturados pelos Kaingangue, eram integrantes de um desses pequenos grupos guaraní que, já naquela época, viviam, também, nas selvas da margem esquerda do Paraná e dos seus afluentes, quiçá mesmo prisioneiros ou integrantes do próprio primitivo grupo Xetá.

Agora, mais do que nunca, torna-se necessário que o ilustre Prof. Loukotka divulgue os trabalhos inéditos de Fritch, os quais ainda se encontram nos Institutos científicos de Praga, bem como os enriqueça com as anotações obtidas no decurso de conversações pessoais com o finado investigador checo sobre os índios do Paraná.

Os Xetá, ora descobertos na Serra dos Dourados, têm consciência étnica de serem uma população indígena à parte. Xetá e o "nome de todo índio daqui", afirmou-me sempre em Dourados o nosso intérprete. E hoje não temos dúvida em reconhecer que é denominação a qual deve prevalecer à de Aré, usada por Telêmaco Borba, particularmente face aos fracos argumentos apresentados por este autor ao justificar esse nome.

Alias, devemos também precisar o significado emprestado à palavra Xetá que, no vocabulário organizado por Fritch, corresponde a Botocudo, sentido este que, de acôrdo com uma informação do próprio Prof. Loukotka, fôra-lhe dado pelos caboclos no Ivaí, em 1906, porque sabemos o risco do emprêgo, em trabalho científico, das denominações vulgares de *coroado* e *botocudo*. muito generalizadas e confusas não só nos antigos documentos como também entre as primitivas populações sertanejas do Paraná.

Pelo material que nos foi dado consultar na obra de Fritch e na de Telêmaco Borba ("Atualidade indígena"), bem como pelas informações pessoais, recentemente fornecidas pelo Prof. Loukotka, as indicações sobre os Xetá, existentes na literatura e documentários etnográficos, são extremamente precárias, quase inexistentes.

Os atuais Xetá da Serra dos Dourados, no Estado do Paraná, são os únicos remanescentes desse grupo étnico, o qual, lingüísti-

(*) — A. V. FRITCH — *Indiani Jizní Ameriky* — Praga — 1957 (5ª edição).

camente, por um equívoco, havia sido classificado na família linguística Tupi-Guarani, não obstante a área noroeste do Paraná onde vivem, haver sido, nos tempos históricos, sempre região de predomínio dos Guaranis, até a penetração Kaingangue no século XVIII.

Os elementos dos quais hoje dispomos de natureza etnográfica e linguística, nos levam a admitir que se trata de um grupo dos índios nômades da floresta tropical que, apesar de raras influências guaranis, é um grupo que conserva grande parte dos aspectos mais característicos da sua cultura originária.

Os estudos lingüísticos que vão ser procedidos com maior intensidade no futuro, irão por certo esclarecer-nos muitos aspectos da língua primitiva Xetá, e possibilitar maiores pormenores sobre a cultura espiritual e a organização social de tal população indígena.

Esperamos poder realizar, na cátedra de Antropologia da Universidade do Paraná, estudos no domínio da Antropologia Física, pois dos contactos esporádicos com três grupos florestais, de uma rápida observação somatoscópica, ficou-nos a impressão, muito acentuada, que pelo menos dois estoques raciais devem ter contribuído para a constituição dessa população. Aspecto êste do problema que tivemos oportunidade de focalizar em linhas muito gerais numa conferência realizada em Curitiba em abril de 1956 e na qual foi relatado não só o resultado da 2.^a expedição, mas igualmente o nosso primeiro contacto com os grupos Xetá, em plena floresta, ocorrido em 21 de fevereiro de 1956.

Nesta comunicação abordamos os Xetá, particularmente no aspecto etnológico, complementado o presente comunicado com a aneção do vocabulário por nós colhido e a projeção do filme "OS XETÁ DA SERRA DOS DOURADOS" que reputamos de real valor etnográfico.